



A CIÊNCIA E A FÉ

por D. Manuel Trindade Salgueiro,
Arcebispo de Mitilene, Presidente
da Junta Central da Acção Católica-
ca Portuguesa.

Fundação Cuidar o Futuro



Por graça de Deus, que não por natureza, cada homem é pe regrino do infinito, que em sua alma se traduz por sede de imortalidade, de felicidade e de perfeição. É efêmero, e deseja viver perpétuamente; sofre a inquietação de preocupações atormentadas e de dores angustiosas, e busca ansiosamente a luz serena da paz e do amor; sente o peso dos seus defeitos e das suas defecções, e conserva ainda o sentido das grandes virtudes que fazem o herói e, mais ainda, criam o santo. Por isso já se escreveu que, antes de ser sábio e antes de ser filósofo, o homem foi religioso.

Todavia, facilmente o homem desconhece, despreza ou desdenha a nobreza sobrenatural da sua origem e do seu destino, para vegetar em vida soturna de caprichos e de paixões, como se não brilhassem estrelas no céu, como se Deus não existisse.

Fronteiras da Ciência e da Fé

Fundação Cuidar o Futuro

Conhece-se o desvaio do cientismo que, deslumbrado pelo clarão de invenções retumbantes, proclamou como axioma do universo a falência da metafísica e da religião, consideradas generosamente sonhos infantis da humanidade ignara. Depois, foi a reacção contra a exaltação delirante, analisando-se com fria objectividade a vida em todos os seus aspectos.

No ardor do combate, algumas vezes se registaram ataques imprudentes, como aquele de Brunetière que, reconhecendo a impotência dos sábios para resolver graves, dolorosos problemas do mundo e do homem, ousadamente concluiu pela bancarrota da ciência. Em calma atmosfera de reflexão pôde apurar-se o que geralmente hoje se admite: que entre a ciência, tomada no sentido experimental, e a fé, não há nem pode haver conflito, por serem diferentes os seus fins, os seus domínios e os seus processos e métodos de trabalho;

que, entre o objecto da história, que é "todo o passado humano conhecido por testemunhos, organizados num sistema de relações científicas" e o objecto da religião, não pode haver colisões,

porque a história começa por excluir dos seus quadros os dados da fé, como Deus, a Providência, a divindade de Jesus, a revelação e o milagre;

que, mesmo reduzindo a questão a mero fenómeno psicológico, o sábio não contradiz o crente, porque o espírito científico — de domínio, de crítica, de análise, de dúvida metódica — e o espírito religioso — de dependência, de adesão, de síntese, de confiança se exercem sobre valores diferentes, e até sob muitos aspectos se encontram, "como dois ramos da mesma árvore, pertencendo ao mesmo tronco (...) manifestações necessárias do mesmo princípio humano"; que a ciência, perante certos problemas, que até por definição não resolve, — como o problema das origens, o problema da vida, o problema da finalidade dos seres, (élan original lhe chamou Bergson), o problema da dor, o problema da consciência moral, o problema do destino — pode orientar o espírito na pista de Deus, vislumbrando horizontes de fé.



Fundação Cuidar o Futuro

Renovo cristão nas esferas intelectuais

Newman, nota-o Tiberghien, achava pouco exacta a expressão: a ciência conduz a Deus. De facto, observa justamente este Autor, para ser sábio o homem não precisa de crer, e pode embrenhar-se indefinidamente nos problemas científicos em sua direcção fundamental, sem encontrar Deus. Mas a cada passo surgem enigmas para os quais, fora da fé, não encontra solução, e tal impotência científica sobre questões essenciais do universo e do homem pode provocar o primeiro movimento no caminho da fé.

Por isso o grande matemático H. Poincaré afirmou que ao longo das fronteiras da ciência flutua o mistério, e que o mistério é tanto mais denso quanto mais a ciência avança. Como escreveu o genial dramaturgo inglês, há um mundo de problemas que não consegue resolver a nossa pobre e vã filosofia. Não admiti-los, é pecar ~~na~~ contra a luz confinar as causas ao que vemos e sentimos?

No seu gabinete limitado, adstrito a fórmulas geométricas, o sábio sente a falta de ar e de luz que só pela fé se conseguem.

Certo é que, depois das negações formais e atrevidas do cientismo orgulhoso, se recomeçou nova caminhada no sentido espiritual. Em França, já se notou, a evolução das ideias vai do positivismo frio de Taine — o Autor que murmurou melancolicamente ao acabar a leitura dum livro célebre de Bourget "a minha época passou", — ao misticismo de Péguy, de alma sempre voltada no sentido das alturas. Em Portugal, todos o sabem, bastará recordar o caminho percorrido pelos Vencidos da Vida e a atitude cristã de muitos formosos espíritos do pensamento contemporâneo. Em todo o mundo livre, e até para além da tenebrosa cortina de ferro, regista-se fenómeno idêntico. O renovo cristão nas esferas intelectuais é facto a assinalar.



Névoas no céu

Cândida ingenuidade seria supor que em toda a parte se recristianizou robustamente o ambiente social. Sem falar na apostasia das massas populares, escândalo dos nossos dias, como tristemente escreveu S.S. Pio XI, poderá afirmar-se com verdade que todo o alto pensamento está impregnado de convicções cristãs, ou mesmo de sentimento fortemente cristão? Nas escolas superiores, corporações de mestres e alunos, quantos são os que indefectivelmente crêem? quantos os que são baptizados? quantos os que têm a vida moral em harmonia com os princípios da fé? quantos os que exercem o dever de apostolado?

Com dados minuciosos, em inquérito rigoroso, a "Vie Intellectuelle" informava, há anos, que numerosos universitários nem sequer sentiam a mais leve inquietação religiosa. Em discurso célebre, dirigido aos universitários da Acção Católica Italiana, em 20 de Abril de 1941, S.S. Pio XII, depois de se referir "à lenta obra de desagregação causada pelo humanismo paganizante, pelo livre exame, pelo vão filosofismo do século XVIII, pelo idealismo e pelo positivismo do século XIX, contra as quais grita a realidade do mundo e do homem", descreve assim o panorama actual: "quantos campos

de estudo e de investigação científica se têm desenrolado e dilatado fora de todo o contacto com o pensamento católico, sem ter em conta a revelação sobrenatural, difundindo-se num ambiente, se não sempre anti-religioso, pelo menos sem preocupações religiosas!"



Quando a centelha se fez incêndio

Longe de causar estêreis desalentos, o facto deve estimular o sentido apostólico dos universitários cristãos, cuja acção é capital na formação dos espíritos. Aliás, sempre as horas difíceis foram as horas das almas grandes. Em momento de crise aguda na vida religiosa da Universidade portuguesa, — o facto passou-se em 1901, um grupo de estudantes destemidos desfraldou a bandeira da insurreição contra a vaga da incredulidade desdenhosa levantada por filosofia corrosiva nascida na Alemanha e na França, e surgiu o C.A.D.C., de Coimbra, que foi o baluarte glorioso do ressurgimento cristão nas camadas juvenis das nossas escolas superiores. A centelha fez-se incêndio, e hoje os Organismos da Juventude Universitária Católica, masculinos e femininos, constituem realidade robusta com a qual podem contar a Igreja e a Pátria. A esses estudantes magníficos e aos diplomados que forjam a alma nas lides do apostolado está reservada missão decisiva na recristianização de Portugal.

Como observa S.S. Pio XII, no documento já citado, sem esquecer a importância das massas operárias, onde brilham espíritos de primeira grandeza e operam dedicações de generosidade heroica, "é facto patente e inegável que aos círculos universitários, às classes de cultura superior está reservado um posto singular, parte eminente na ordem social". E noutro passo: "Cérebro na vida dos povos podem dizer-se os que receberam formação universitária, os quais são os maiores ou superiores a que, a respeito de fé, se referiu São Tomás, para distingui-los dos menores ou inferiores que a eles aderem, os escutam, os seguem, recebendo deles a verdade e a regra".

Eles formam uma élite espiritual de que precisa a Igreja, como prolongamento da sua própria Hierarquia, para a evangelização do mundo.



Acima dos horizontes da ciência

Em palavras sumárias, resume-se o que se espera dos universitários cristãos dentro da Acção Católica.

No campo das ideias demonstrar que o pretenso divórcio entre a ciência e a fé não passa de ilusão. Na palavra de Pio XII, têm a missão de "restabelecer os contactos, reatar os laços, assegurar a penetração mútua dos dois mundos do saber -- a alta ciência universitária e a luz revelada por Cristo".

Isto não significa, evidentemente, que o universitário católico faça apostolado com prejuízo dos seus deveres profissionais. A sua consciência profissional, que obriga ao cumprimento integral do dever, tem de ser aperfeiçoada pela sua consciência religiosa, que do próprio dever faz já acto de fé. Por isso, não será apenas um técnico inteligente e culto, mas um profissional exemplarmente consciencioso.

Mas, para além das observações rigorosas, das pesquisas infatigáveis, das experiências dos laboratórios, considerará todas as coisas na sua harmonia universal com Deus. Deste modo, nenhum assunto é alheio à investigação do sábio católico (e a história regista como culturas da vanguarda da ciência uma pléiade inumerável de católicos). Mas o sábio católico, acima dos horizontes da ciência, de espírito geométrico, possui horizontes mais amplos, com claridades de infinito, nos quais só consegue penetrar o espírito efeito aos problemas da alma, no que ela tem de mais íntimo e sagrado.

No universitário, como em qualquer outro cristão, a fé não é luz distante e fria, que brilha sem aquecer. É fogo vivo que transforma o "homem velho" pela virtude da graça que a Mensagem cristã anuncia e produz. Também paravele a fé é caminho e vida. O caminho percorre-o pelo cumprimento exacto dos deveres para com os

outros e na austeridade para consigo. Habituação à ascese que o estudo impõe, tem de estendê-la a toda a sua actividade. Só pela ascese, que é lei de perfeição, conseguirá realizar-se conforme o ideal que adoptou.



O Universitário católico tem de ser um Apóstolo

A vida consiste principalmente na colaboração com a graça, que o Senhor generosamente concede, sobretudo pelos sacramentos, pela oração e pelo sacrifício. Longe de dispensarem o exercício da virtude, que é esforço, muitas vezes heroico, os pergamINHOS universitários mais o reclamam, porque sempre pesam as maiores responsabilidades sobre os que estão situados em postos mais altos. Os primeiros nas honras, serão os primeiros no cumprimento dos deveres mais árduos.

Mas como todo o cristão, por imposição da fé e por exigência da caridade, deve ser focco de irradiação espiritual, também o universitário será apóstolo. E é de notar que tal apostolado, como observa Bergson, não é a simples fraternidade dos filósofos, de que se constroi uma ideia, para se fazer um ideal, nem mesmo a intensificação duma simpatia inata do homem pelo homem. Tal solidariedade realiza-se algumas vezes, quando não há incómodo para o indivíduo e para a comunidade, mas sem paixão. Esta solidariedade do apostolado — a palavra é do mesmo Autor — tem a sua origem no amor de Deus por todos os homens, porque, por Deus e através de Deus, o apóstolo ama toda a humanidade com um amor divino.

Tal apostolado traduz-se na palavra — luz, inteligente e oportuna, que atinge as almas, sem feri-las; no exemplo encorajante e construtivo que sem coacções faz apelo para as alturas; na acção sacrificada e generosa que delicadamente põe as consciências perante os problemas da vida, fazendo erguer os olhos da terra para o céu.

É de lamentar que em País de tantas tradições católicas, não haja ainda uma Universidade Católica, lareira superior de doutrina teológica e de apostolado superior, que iluminasse e aqueces

se toda a terra portuguesa —com lições, com livros, com revistas, com apostolado.

Mas, sentindo embora tal lacuna, louvamos a Deus por posuirmos hoje um escol notável de universitários católicos, de fé esclarecida e de vida irrepreensível. Poderemos dizer que é já grande o número dos universitários apóstolos, capazes de sacrificar-se para que no meio universitário e até no meio social se dilate o reino de Cristo? E a Igreja precisa destes apóstolos que, fortemente enquadrados nas Ligas e nas Juventudes universitárias católicas, procurem e encontrem a solução para os grandes problemas do universo e do homem, sub specie aeternitatis, e realizem acção inteligente e penetrante, junto dos seus colegas. Variadas são as profissões que exercem. Mas todos eles, conforme lembra S.S. Pio XII, possuem um vasto conjunto de conhecimentos variados e precisos; adquiriram aquela capacidade de discernimento pessoal, que é fruto de largo estudo e observação; aquele critério que gera a crítica metódica e rigorosa dos factos e das ideias; a faculdade de dominar os problemas mais complicados e difíceis. (...) As questões que a vida quotidiana da sua profissão lhes apresenta, não são problemas de escola que possam resolver-se com a mera aplicação de fórmulas comuns, já elaboradas, aprendidas e compreendidas duma vez para sempre; são problemas de vida activa, graves, complexos, com dados múltiplos e variáveis, que só está em condições de abordar e resolver um espírito de cultura superior".

Estas palavras tão justas mostram só por si a importância dos sectores universitários no apostolado da Acção Católica.

Seara de esperança

Depois de muitos anos de espectação e de sacrifícios, dum grupo generoso de jovens universitários, inaugura-se este Congresso. É como esplêndida aurora, carregada de projectos audaciosos e de claras esperanças. Mais não se conseguisse do que o árduo trabalho da sua organização e da sua realização, já seriam abençoados os sacrifícios que impôs.





Mas, para além dele, abre-se um mundo novo. Abnegada foi a sementeira. Por Deus, será abundante a messe promissora.

Fundação Cuidar o Futuro